

Do Veredicto, de Kafka, aos veredictos culturais

Ideais e idealizações que aprisionam o sujeito

Escolhi o conto “O Veredicto”, de Franz Kafka, escrito em 1912, para pensar os ideais e as idealizações que, tantas vezes, aprisionam o sujeito.

Kafka, jurista que se tornou escritor, conseguiu traduzir literariamente algumas das dores, angústias e contradições mais profundas da experiência humana. Freud, por outro caminho, procurou dar a essas mesmas questões uma formulação metapsicológica. Ambos, cada um à sua maneira, nos colocam diante de algo que continua absolutamente atual: a dificuldade do sujeito diante de seus desejos, das exigências que o constituem e dos ideais aos quais se sente obrigado a corresponder.

A literatura tem uma liberdade que a psicanálise não pode desprezar. Na ficção, a realidade pode ser deformada, exagerada, deslocada. E é justamente essa licença que permite, muitas vezes, que algo do submundo psíquico apareça. É também por isso que certas obras literárias nos provocam uma sensação de estranheza. Freud já havia chamado nossa atenção para esse Unheimlich: aquilo que nos causa desconforto porque, paradoxalmente, guarda alguma coisa de profundamente familiar. Kafka é mestre nesse território.

Só para contextualizar um pouco, a Europa em que Kafka vivia, no início do século XX, produziu um baque não só nele, mas também em outros autores e pensadores, como Freud, Walter Benjamin, Nietzsche, Marx... E isso fica perceptível na obra de todos eles!

Ressalto essa questão porque os acontecimentos da cultura, inevitavelmente, causam impactos em tudo e todos... e, certamente, nós também estamos sendo marcados por este momento caótico em que vivemos: onde o caos na saúde, na política, na economia se instala... De alguma forma, o conto O VEREDICTO nos põe em contato com esse caótico. Eu li que o Einstein, numa oportunidade, recebeu emprestado do amigo Thomas Mann um livro de Kafka e o devolveu, sem conseguir concluir a leitura... dizendo assim: “Não pude lê-lo por sua perversidade. A mente humana não pode ser tão complicada assim.”

Será?

Claro que o universo kafkaniano não é um conto de fadas... Mas será que tantas realidades não se equiparam a isto? Aqui mesmo no Brasil... será que a política vigente não se equipara ou até mesmo supera o pai do conto, que sentencia o filho à morte, quando defende o armamento, trata uma pandemia como uma réles gripe e se põe tão contrário à vacinação?

Para quem não conhece o conto, um breve resumo. Georg Bendemann vive com o pai, em Praga, e assumiu a direção da empresa familiar depois da morte da mãe e do adoecimento paterno. Seus negócios prosperaram consideravelmente. Georg está noivo, mas hesita em contar a novidade a um amigo que vive na Rússia, justamente porque esse amigo não obteve sucesso na vida e não tem condições de casar. A partir de uma conversa com a noiva, Georg decide escrever ao amigo e, antes disso, contar ao pai sobre o noivado. O que começa como uma conversa aparentemente tranquila entre um filho preocupado e um pai fragilizado transforma-se, progressivamente, em uma discussão carregada de hostilidade e acusações. Até que o pai profere o veredicto: “Eu te condeno à morte por afogamento.” Georg sai correndo e se lança da ponte. Antes de morrer, murmura: “Queridos pais, mas eu sempre amei vocês!” O que acontece nesse conto é perturbador. O pai, inicialmente apresentado como frágil e quase senil, recupera força e vitalidade ao longo da conversa. E, a partir de seu lugar de autoridade, parece revelar ao filho aquilo que este não consegue reconhecer em si mesmo. Georg não questiona a sanidade do pai. Ao contrário: parece reconhecer naquela fala uma verdade à qual se submete. E talvez seja justamente aí que Kafka nos permita entrar na questão dos ideais.

Quando o ideal se transforma em sentença?

No Compêndio de Psicanálise, Freud nos fala do Superego como uma instância que coloca o Eu diante de exigências que não dizem respeito apenas às suas ações, mas também aos seus pensamentos e intenções. É como se o sujeito pudesse ser julgado não apenas pelo que faz, mas também por aquilo que deseja.

Em “O Veredicto”, a conversa entre Georg e o pai parece reabrir toda uma conflitiva edípica. O casamento, o amigo, o pai e a mãe — presentes ou ausentes — reaparecem numa configuração em que desejo, culpa, rivalidade e amor se confundem. Georg parece excessivamente identificado com as verdades paternas. Seu recalque não lhe oferece caminhos suficientemente diversos para lidar com aquilo que emerge. E, quando o desejo retorna, ele parece não encontrar outra saída.

Kafka constrói, então, uma situação extrema: para não matar o pai, Georg precisa morrer. O que poderia ser uma possibilidade de elaboração transforma-se em sentença. E isso nos interessa muito. Porque talvez uma das funções do recalque seja justamente permitir que não precisemos realizar nossos desejos de forma literal. O recalque não é apenas uma proibição; ele também abre espaço para que a pulsão encontre outros destinos. Quando não há caminhos intermediários, quando o Superego se torna excessivamente severo e quando o Eu não consegue mediar as exigências pulsionais e culturais, o sujeito pode ficar capturado entre dois extremos: obedecer ou destruir. A cultura nos constitui (e nos cobra). Sabemos que a cultura é fundamental para a constituição do sujeito: a proibição do incesto, por exemplo, não é apenas uma interdição: ela participa da própria edificação da cultura humana. Algo do mundo externo é internalizado e passa a constituir nosso mundo psíquico. Aprendemos o que pode e o que não pode ser feito. Mas aquilo mesmo que nos insere na cultura é também aquilo que pode produzir sofrimento. A cultura nos oferece referências, limites, pertencimentos e ideais. Mas também produz exigências.

E talvez seja justamente aí que a questão dos ideais do Eu se torne tão importante. Quanto mais distante o sujeito se encontra de determinado modelo idealizado, mais pode sentir que precisa ser conduzido por alguém que lhe diga o que fazer, como ser, o que desejar e até mesmo pelo que deve morrer. Em “O Veredicto”, Georg parece viver submetido a um mandato paterno.

Podemos perguntar: a sentença do pai é uma projeção? É a expressão de um desejo inconsciente do próprio Georg? É a realização de uma idealização? É tudo isso ao mesmo tempo? Kafka não responde. E talvez seja justamente essa ausência de resposta que mantenha o conto tão vivo. Os veredictos que continuam entre nós...

Se deslocarmos a história de Kafka para o nosso tempo, podemos pensar em tantos outros veredictos. Os ideais culturais nos dizem como devemos ser. Como deve ser um homem. Como deve ser uma mulher. O que significa ter sucesso. Como deve ser uma família, como devemos envelhecer, como devemos amar, como devemos desejar, como devemos aparecer. E, principalmente, como devemos parecer aos olhos do outro. São ideais que podem funcionar como referências, mas que se tornam perigosos quando deixam de ser uma possibilidade e passam a funcionar como sentença. Talvez a pergunta não seja simplesmente qual é o ideal ao qual estamos submetidos, mas o quanto conseguimos nos afastar dele para inventar alguma coisa própria. Quanto mais robusto o Eu, maior a possibilidade de encontrar novas saídas.

O recalque, nesse sentido, não precisa ser pensado apenas como aquilo que impede. Ele também pode ser condição para que o sujeito encontre outros destinos para aquilo que não pode realizar diretamente. É preciso haver proibição para que haja simbolização... É preciso haver limite para que exista criação. Mas é preciso também que o limite não se transforme em condenação. A idealização e o outro colocado no lugar do Ideal.

Freud, em Psicologia das Massas e Análise do Eu, começa lembrando que, na vida psíquica do indivíduo, o outro é considerado, via de regra, como objeto, auxiliar ou adversário. O texto nos interessa particularmente

porque Freud também aborda a idealização. Na idealização, o objeto é colocado no lugar do Ideal do Eu. O objeto passa a ser superestimado e, justamente por ocupar esse lugar, sua crítica se torna impossível: aquilo que ele faz ou exige parece justo, correto, sem defeito.

Talvez possamos pensar que é aí que muitos dos nossos veredictos culturais ganham força. Quando colocamos alguém (uma pessoa, uma instituição, um líder, uma ideia, um modelo de vida) no lugar do Ideal, nossa capacidade crítica pode ficar suspensa. O outro passa a saber, passa a ter razão... o outro passa a dizer quem somos. E nós podemos acabar como Georg: obedecendo a uma sentença que, em algum nível, já estava inscrita dentro de nós.

E se houvesse um outro destino?

É aqui que a psicanálise introduz uma pergunta que me parece fundamental.

No final de “O Veredicto”, quando Georg sai correndo em direção à ponte, ele atropela uma empregada que subia para arrumar o quarto... Fiquei pensando nessa personagem tão lateral à trama: seria possível que Kafka nos oferecesse, justamente nessa figura externa à conflitiva entre pai e filho, uma espécie de abertura? Um outro que não está capturado na trama edípica, que não ocupa o lugar do pai, que não sentencia e que pode escutar. Penso que seja esse, em alguma medida, o lugar do analista: não aquele que oferece um novo ideal ao sujeito ou que substitui um veredicto por outro. Não aquele que diz como viver. Mas aquele que possibilita que uma palavra seja colocada onde antes havia apenas uma sentença.

É pela transferência que pode surgir uma nova possibilidade de experimentar aquilo que, até então, só podia ser vivido como ameaça, culpa ou condenação.

E talvez seja aí que uma análise possa produzir um novo veredicto... ou, melhor ainda, fazer com que o sujeito deixe de precisar de veredictos. Em vez de se lançar da ponte, talvez possa lançar-se em direção a alguma coisa que ainda não conhece.

Um novo caminho. Uma nova possibilidade de desejar. Uma vida que não precise mais ser vivida sob a exigência de corresponder àquilo que um dia foi idealizado.

Referências

FREUD, Sigmund. Compêndio de Psicanálise.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva — “O Homem dos Ratos”.

KAFKA, Franz. O Veredicto.